

SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: A ESCOLA COMO REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE.

MEIRELLES, Bruna Alves Vilela*

SALVADOR, Viviane Arieli**

ZAGO, Álvaro de Barros***

LOPES, Daniel Henrique Lopes****

RESUMO:

Neste artigo pretende-se apresentar a escola como uma representação da sociedade, sob uma perspectiva da escola funcionalista norte americana. Desta maneira, pode-se observar que ainda existe ocorrência dos diversos comportamentos divergentes perante as diversas situações do cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade. Educação. Escola

ABSTRACT:

This article attempts to present the school as a representation of society, from the perspective of North American Functionalist School. Thus, one can observe that there is still the occurrence of several divergent behaviors before the various situations of everyday school life.

KEYWORDS: Society. Education. School

1. INTRODUÇÃO

Educação e sociedade são elementos indissociáveis, tendo em vista que a primeira é responsável pela transferência das normas e tradições construídas ao longo dos anos pela sociedade.

Seguindo esse raciocínio, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise sociológica sobre a educação, partindo da idéia de Parsons de que a escola representa, em menor escala, a sociedade, e a análise de Merton sobre os

* Discente da Associação Cultural e Educacional de Garça – Curso de Pedagogia. brunameirelles@msn.com

** Discente da Associação Cultural e Educacional de Garça – Curso de Pedagogia. vivi_arieli@hotmail.com

*** Discente da PUC-SP – Mestrado em Educação. alvarozago@yahoo.com.br

**** Docente da Associação Cultural e Educacional de Garça – ACEG. danielh1@yahoo.com.br



comportamentos dos indivíduos como respostas as pressões sociais, para possibilitar uma melhor compreensão do universo escolar.

2. A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

A teoria funcionalista analisa aspectos da realidade em termos de funções realizadas por instituições e suas consequências para a sociedade em geral. Segundo esta perspectiva, cada instituição exerce uma função específica e problemas em seu funcionamento significam desregular a própria sociedade.

A escola ocupa um importante espaço na sociedade moderna, pois é nela que muitos dos valores e tradições são transmitidos as novas gerações.

Segundo Parsons (1959), referindo-se à escola, à medida que o jovem se desenvolve, uma parte cada vez mais importante de sua socialização é levada a cabo por uma instituição que lhe oferece a representação em modelo reduzido da sociedade adulta.

Desta maneira os professores, que compõem a instituição escolar, são os transmissores dos valores universalistas e racionais que direcionam o mundo e que conseqüentemente são os responsáveis pela integração do aluno à sociedade hierarquizada, racional e competitiva.

A criança encontra na escola um meio social diferente do qual ela conhecia – o meio familiar – , porém a ela não se desvincula completamente deste último. É na escola que a criança se encontrará integrada a um sistema disciplinar e de recompensas, além de tornar-se, gradativamente, mais independente. Sendo que essa independência inicia-se nos grupos de pares em que as crianças organizam-se sem os adultos.

Como aponta Parsons (1959, p. 298),

[...] o grupo de pares pode ser de imediato considerado como um campo no qual se exerce a independência em face do controle dos adultos; não é, portanto, surpreendente que ele seja às vezes o lugar privilegiado de manifestações não somente de sua independência, mas também de sua reprovação em face dos adultos; nesses casos, ele torna-se uma terra fértil na qual o extremismo facilmente se transforma em delinquência.

Seguindo tal perspectiva de Parsons (1959), podemos utilizar o conceito de “comportamento divergente” de Merton (1978).



Segundo o autor, não é mais tão claro, como fora no passado, que homem e sociedade estejam colocados um contra o outro numa guerra incessante entre impulso biológico e limitação social. Concomitante a esses questionamentos, as perspectivas sociológicas entraram cada vez mais na análise do comportamento divergente de padrões preestabelecidos de conduta.

As questões que se colocam acerca dos comportamentos padrões e comportamentos divergentes estão em torno “de descobrir como algumas estruturas sociais exercem pressão definida sobre algumas pessoas na sociedade, levando-as a preferir uma conduta não conformista a uma conduta conformista” (MERTON, 1978, p.288).

Entre os vários elementos das estruturas social e cultural encontramos objetivos, propósitos e interesses culturalmente definidos, apresentados como objetivos legítimos para todos os membros da sociedade ou para membros nela colocados. Por outro lado, há elementos que regulam e controlam os modos aceitáveis de atingir os objetivos almejados pelos indivíduos. No entanto, essas normas reguladoras não são necessariamente as mesmas das normas técnicas ou de eficiência, pois alguns procedimentos que, do ponto de vista de determinados indivíduos, seriam os mais eficientes para garantir os valores desejados, não constam na área institucional de conduta permitida. Às vezes, as técnicas e os caminhos proibidos seriam eficientes para o próprio grupo (MERTON, 1978).

Nesse sentido, podemos apontar que as escolhas entre as várias possibilidades e caminhos existentes, passam pelas normas institucionalizadas, ou seja, por instrumentos de controle presentes em instituições sociais ou na moral dos indivíduos.

As famílias e as escolas, instituições mais significativas na formação e estruturação da personalidade e internalização dos objetivos e interesses nas vidas dos indivíduos, juntas, provém as possibilidades de comportamentos normais ou divergentes, pois os pais atuam como elo de transmissão de valores e objetivos do grupo do qual faz parte e as escolas são as agências que passam a frente os valores prevalecentes na sociedade (MERTON, 1978).

Desta forma, os comportamentos estimulados e reproduzidos pela escola constituem-se enquanto representações sociais, dada a necessidade de (re)construção da estrutura social vigente em cada época.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, através do desenvolvimento deste trabalho, utilizando-se dos conceitos de Parsons e Merton, foi possível mostrar como a sociologia funcionalista pode ser utilizada como ferramenta importante para a análise do ambiente escolar, considerando que cada aluno deixa sua impressão na escola e, ao mesmo tempo, é marcado pela mesma, durante o processo socializador empreendido durante os vários anos de escolarização.

4. REFERÊNCIAS

MERTON, R. (1966) Estrutura social e socialização. In: FORACCHI, M. M.; PEREIRA, L.. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p.287-320.

PARSONS, T. (1959) **Os processos de socialização e as escolas paralelas**. Harvard Educational Review, v.28/9, n. 4, p. 297-316

SILVA, A. J. D. A **Sociologia Funcionalista**. Disponível em: http://www.airtonjo.com/socio_antropologico03.htm#8.%20A%20Sociologia%20Funcionalista . Acesso em 18 Abr. 2010.

